

AVANÇO

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)



A MISERIA NOS CAMPOS

As populações camponesas de um a outro extremo do país, passando neste momento pela mais crua das misérias — a miséria que mata — porque a fome já se instalou em todas as aldeias e vilas de Portugal.

Os trabalhos estão completamente paralisados, e não se sabe quando recomeçarão, porque as cheias transformaram os campos em lagos enormes. A desolação reina por toda a parte, porque as torrentes caudalosas dos temporais não roubaram apenas o trabalho e a casinha aos operários agrícolas, arrastando tudo na corrente. Os pequenos camponeses encontram-se também arruinados, porque a força brava dos temporais levou consigo as sementeiras já feitas e inutilizou todos os apanhos das terras.

Os operários agrícolas e os pequenos proprietários, as maiores vítimas dos temporais, não podem esperar. O governo tem que agir. Tanto mais que o governo é, em grande parte, o responsável dos desastres sucedidos, por não ter procedido às obras indispensáveis para evitar as inundações, tais como construção de diques e muralhas, desassoreamento dos rios, etc.

O governo deve, pois, vir em auxílio das vítimas, mas de uma forma prática concreta.

Lembre-mo-nos o que foi a massacre do ano passado, no socorro às vítimas das inundações, e não constintamos que ela se repita.

Esse socorro, praticamente, nunca existiu. Foi, apenas, um pretexto para a propaganda da famigerada Legião Negra e a grande maioria das vítimas nunca recebeu auxílio nenhum. Fizemos um jogo político miserável e, nas poucas terras onde chegaram, só os recomendados pelo padre e pela Legião receberam algumas coaduas. No entanto, conseguiram arranjar milhares de contos de reis que enviaram para os assassinos do povo espanhol.

Os socorros às vítimas das inundações têm de chegar a toda a parte.

Nenhuma operário agrícola e nenhum pequeno camponês, deve deixar de reclamar e de exigir do governo, dos organismos corporativos, da Assembleia Nacional, dos ricos proprietários, o auxílio a que tem direito. E todos devem ser ajudados, porque é miserável fazer política com a fome.

Camponeses: Organizai bandos precatórios. Exigi que as Casas do Povo se interessem pela vossa miséria! Ide à casa dos grandes proprietários, aos montes dos grandes lavradores para que eles vos ajudem! Exigi do governo a realização das obras que são necessárias.

O FASCISMO, inimigo da cultura popular

O governo, acaba de publicar um projecto de lei para a reforma do ensino primário.

O fascismo procura, desta maneira, apresentar-se diante das massas trabalhadoras, como o defensor da cultura popular. Mas tudo isto não passa de simples demagogia. Os factos demonstram que o fascismo não faz, nem pretende fazer, para dar uma solução definitiva ao cruento problema da cultura popular.

Vejamos qual é a situação do nosso país no que se refere ao problema do analfabetismo.

Segundo os documentos elaborados pelas instituições oficiais, de cerca de 7 milhões de habitantes que tem Portugal, só pouco mais de 2 milhões sabem ler. Isto é, 67,8% da população do nosso país é analfabeta. Mas, mais grave ainda: de 700 mil crianças em idade escolar, só 200 mil sabem ler. Isto é, 72% de crianças em idade escolar, são analfabetas.

No que se refere ao ensino infantil o quadro não é menos negro: De 481.821 crianças que existiam, em 1936-37, em idade legal de receber ensino infantil — quatro aos sete anos — estiveram matriculadas 2.954 crianças, das quais só 2.339 frequentaram a escola, isto é, 66,9% (Do relatório do projecto de lei do governo).

«A existência do ensino infantil oficial em Portugal — diz-se no projecto de lei — não passa de ficção».

Mas como podia ser outra a situação se não existem escolas, ou as que existem são indignas deste nome, se não se proporcionam nenhuma facilidade para o estudo e se o Estado, longe de aumentar os créditos para instrução, os diminui?

Só 50 por cento das escolas tem edifício próprio e «uma grande parte delas funciona em tão precárias condições de ar e de asseio que, sem grande rigor, haveria de encerrá-las». (Do projecto de lei).

As escolas, além de se encontrarem em Estado lamentável, estão situadas a tal distância que torna impossível a sua frequência pelas crianças. No Minho, onde a população é mais densa, há povoações — diz o projecto lei — separadas da escola mais próxima por 5 quilómetros de distância e no Alentejo por 15 quilómetros e mais.

A todo isto junta-se as dificuldades «das famílias pobres de darem aos seus pequenitos, que andam na aula por vezes a grande distância, o farnel exigido pela própria idade e em todo o caso há de comer o frio, tirado da sacola para a boca, pois que na escola não há onde aquecer o almoço».

«Vem depois as dificuldades para a compra de livros e intensivos escolares... a falta de agasalhos contra os rigores do inverno e o desconforto da própria escola», etc., etc.

No que se refere ao Orçamento da Instrução que, em 1930, era de 165 mil contos, baixou, em 1936, para 150 mil.

O «Estado Novo» é, pois, o único responsável da situação vergonhosa em que nos encontramos.

E que pretende o Estado fazer para remediar esta situação?

Aumentar os créditos orçamentais para proceder à construção de escolas, auxílio aos estudantes, etc.?

Não, o decreto diz que «as necessidades da educação não podem ser satisfeitas à custa de outras necessidades públicas», por exemplo: à custa da Legião Portuguesa, etc, que, para o fascismo, tem mais importância.

O governo recusa-se, também, a tornar o ensino gratuito. «O ensino — diz Salazar — deve ser obrigatório mas não gratuito».

O governo, com a reforma do ensino primário, procura simplesmente aumentar o número das PESSOAS QUE SAIBAM LER, porque isso é necessário para o próprio capitalismo.

Num projecto de lei sobre cultura popular apresentado, em 1935, à Assembleia Nacional, indicava-se o seguinte argumento para justificar a luta contra o analfabetismo:

Várias dificuldades existem para o desenvolvimento do turismo — basta dizer agora que ainda hoje, em hotéis portugueses, há dificuldades em contratar criados e serventes que saibam ler».

O fascismo não quer, pois, resolver o problema da cultura popular. O fascismo entende que, para a maioria dos portugueses, basta saber ler e escrever.

Mas o pouco que o fascismo visa, entende que deve ser atingido pela iniciativa particular.

Não desmascaramos mais esta manobra do fascismo e aconselhamos o povo a exigir que o Estado aumente os créditos para a instrução, edifique escolas, empregue os professores e lhes assegure uma remuneração condigna, torne o ensino verdadeiramente gratuito para os filhos de todos os trabalhadores, forneça vestuário às crianças necessitadas e se erem cantinas nas escolas, onde as

segue na página 2

O fascismo e os pescadores do Bacalhau

Chegaram os primeiros barcos que vêm da Terra Nova da pesca do bacalhau.

Todos se lembram das circunstâncias em que os pescadores partiram, este ano, para a campanha, nos mares gelados da Groenlândia.

O grémio dos armadores impusera, aos pescadores, um contrato de trabalho infamíssimo que reduzia os pescadores a autênticos servos. Os pescadores, sustentaram durante dois meses, uma luta heróica recusando-se a efectuar a matrícula.

Preferiam morrer de fome a aceitar tão escravizantes condições.

Quando o movimento dos pescadores estava em via do triunfo, o «Estado Novo» que cinicamente se diz defensor dos trabalhadores, decretou a mobilização dos pescadores de bacalhau obrigando-os a irem à força, para o mar, sob pena de se tratarem como desertores!

Mas este crime monstruoso não ficou por aqui.

Por represália, o fascismo roubou miseravelmente os salários dos pescadores.

O sub-secretário do Estado das Corporações, numa entrevista dada ao Diário de Notícias em 28 do corrente, cinicamente e com uma sádica satisfação, gabou-se dos armadores terem roubado os pescadores com a connivência do «Estado Novo».

Diz ele:

«O pescador José Batalhador do «Brites», pescador experimentado, colheu há um ano 208 quintais, ganhando 6.160.00. Nesta companhia podia ter recebido 6.510.00, mas como foi mobilizado pelo governo, recebeu apenas 5.240.00».

Este patife tem a pouca vergonha de se gabar que por este processo os pescadores deixam de receber, «EM VIRTUDE DA RESOLUÇÃO DO GOVERNO, 126 CONTOS».

Já se viu zombar dos trabalhadores numa forma mais descarada?

Pescadores de bacalhau: Não vos ficis mais no «Estado Novo» fascista que vos mobilizou, como escravos, e que permite que os armadores vos roubem.

Exigi o dinheiro que vos pertence, que é o fruto dos vossos esforços.

Não permitis que vos roubem o pão dos vossos filhos.

Lutai pela satisfação completa dos vossos interesses!

Lutai pela abolição do contrato de servidão. Lutai para que as nossas condições de trabalho sejam aceites.

A FABRICA Barreira & Cia. Vista por dentro LAVRADIO

Chega a ser inacreditável o que se faz nesta fabrica.

Um exemplo. No dia da ração corrente, as mulheres chegaram a fabrica todas molhadas porque a chuva era a farta. As que poderiam, mudaram a roupa mas o gerente, um tal Oliveira, que tem o costume de meter o facinho nas costas das mulheres, foi dar com uma camarada em aspecto de quem mudara de roupa, e perguntou-lhe: "que faz ali?"

— Vou vender mudo de roupa, porque a que tenho no corpo está molhada. E o malandro teve como resposta: "dispa a camisa e as calças e mostre-me se está molhada". Isto indignou toda a gente na fabrica.

Esta empresa, há tempos, entrou para a miséria, apesar de já viverem nela... Os operários caladores, todos chefes de familia. O caso foi entregue ao administrador do concelho, onde ele foi chamado a presença dos operários. E estes retomaram o serviço mas com redução de salario e com a obrigação de trabalharem mais.

Secção da espalda: O trabalho é tão magufo, que os jovens, na sua maioria, não trabalham mais de meio dia para lá aprenderem o favor de lhes darem trabalho.

Secção da fixa: as mulheres chegam a estar irreconhecíveis com pó, para ganharem nas 8 horas 2.500 e 3.500.

Secção da broca: Não há habed de preços para empilhadas. Quando as operarias ganham mais do que o preço fixado no mercado, os agentes da empresa não recebem, e quando falta, não produzem e ficam descontentes, no magro salario.

Secção de lavagem: despendem os operários que ganhavam 1000 para adquirir jovens a ganhar 500 e 700, obrigando-os a pagar em suco de folha de 700 os quilos.

Secção de raspa: os raspadores têm de raspar os fundos para ganhar 800. A maioria são chefes de familia.

Há dias, o Oliveira chegou ao local, onde se raspa e emburrel dizendo que os fundos estavam mal raspados, e obrigou a suba ameaça de serem despedidos, e rasparem novamente. Fardos ficando assim, neste dia o raspadores sem fardos.

A higiene nas fabricas: existem aqui três rectores, uma para os patrões e Oliveira, com um bom lavadio e casa de banho privada, outra para os empregados, muito mais modesta, mas com boas condições higienicas. E, finalmente, uma para operários, que é a maior vergonha. Tem um autocistmo, muito feio, de folha de ferro, mas não funciona porque o Oliveira manda fechar os torneiros para economizar agua. Passam-se semanas que não é lavada a poeira que se não corre de grandes montes de lixo e é insustentável.

Camaradas: Não permitamos, em tal situação, lutarmos pela defesa dos nossos interesses e pelo pão dos nossos filhos!

Libertemos os nossos presos!

A repressão fascista adquiriu novos redúndos de ferocidade. Os monstros que na policia e nas prisões esgotavam a sua imaginação, criando novas torturas, novos processos de angustiar os bravos militantes anti-fascistas, caídos sob as suas garras, estão esgotados. Já nada mais podiam inventar e, então, foram obrigados pelos métodos de castigo, que Hitler mandou treinar nos campos de concentração, onde agilizam milhares de nossos camaradas alemães.

É por isso que os nossos queridos camaradas do Turrallal, Angu, Peniche, Caxias e Alentejo, nos informam da nova onda de repressões e torturas.

O que se passa nas prisões excede tudo o que a imaginação possa conceber.

A policia está hoje mais feroz do que nunca. O ASSA-SINIO COVARDE DO NO SO QUERIDO E BRAVO CAMARADA AUGUSTO DE ALMEIDA MARTINS, NÃO FEZ RETROCEDER ESSAS FERAS. E NA SUA SANHA FEROZ, NEMAS MULHERES POUPA A TORTURA.

DESTA MANEIRA NEMEM INCOMUNICAVEL HA' MAIS DE TRES MESES A ESTUDANTE ANTI-FASCISTA DA FACULDADE DE CIENCIAS Helena Vieira Faria.

Na cadeia das Monicas, entre várias presas anti-fascistas, encontra-se Elvira Mendonça dos Santos, mãe do nosso bravo camarada Manuel dos Santos. Esta pobre mulher, cuja idade não resiste a vida dura da prisão, encontra-se gravemente doente. Os serviços acusam-na de ser jovem comunista. Tem 60 anos!

Na fortaleza de Angra, o tenente Raposo tem esbofetado muitos deportados da Ilha da Madeira, obrigando-os a trabalhar de sol a sol, sem lhes pagar nenhum salario.

O governador do Comandante dessa fortaleza mandou consertar o chão da secretaria e, para que este não se sige, obriga os presos que chama a sua presença, a descalçarem-se antes de entrar. O mulhineiro José da Cruz Alegre, que se negou a descalçar, declarando que não era nenhum escravo, foi castigado com três dias de poterna!

Das condições higienicas e da alimentação, fala a saúde dos presos. Uma grande parte estão tuberculosos. O jovem José Cândido de Brites, que acabou a pena há ano e meio, della sangue pela boca. Outro jovem, Rui Ricardo da Silva, que também gozava de boa saúde quando foi preso, está no mesmo estado.

Camaradas: Não deixemos morrer os nossos queridos amigos, os verdadeiros amigos e defensores do povo português. Denunciemos a toda a gente, escrevendo, falando, telefonando, os crimes dessa quadrilha que tomou Portugal de assalto.

Organizemos um amplo movimento de solidariedade para salvar da morte essas centenas de vítimas anti-fascistas!

Exijamos a libertação da mãe de Manuel dos Santos e de Helena Faria.

Libertemos José de Sousa e Bento Gonçalves, símbolos da luta do povo português contra o fascismo assassino!

Não permitamos que mais filhos do povo, como o heróico camarada Augusto Martins, sejam assassinados.

Para melhorar o "AVANTE!"

Recebemos dos operários duma importante fabrica metalurgica de Lisboa, uma carta apreciando o conteúdo do nosso jornal.

Dessa carta transcrevemos o seguinte ponto: "Aprovamos em toda a linha, os problemas tratados pelo 'AVANTE!' e os artigos de fundo que o 'AVANTE!' costuma publicar."

A par disto, os camaradas fazem-nos as seguintes criticas:

a) Não deve ser suprimida a pagina dedicada a correspondência das fabricas.

b) Deve dedicar-se, pelo menos, uma coluna aos problemas da Espanha.

c) Que se dediquem duas colunas do 'AVANTE!' a politica externa.

d) Que se publicarem, no 'AVANTE!', os vários problemas do comunismo.

e) As criticas que todos os outros camaradas nos dirigem são utilizadas no 'AVANTE!', pelo que as registamos com prazer.

f) Como os camaradas não pediam resposta, dizemos-lhes:

1) Não suprimimos a pagina dedicada ás fabricas, pensamos, portanto, que não se deve dedicar, mecanicamente, uma pagina, de vez em quando, a assuntos de menor interesse, só porque se deve escrever uma pagina.

2) Publicamos, todos os dias, a correspondência da fabrica que nos enviou, que seja de interesse geral, sem nos limitarmos a medidas fixadas de antemão.

3) Achamos justa a observação sobre a Espanha e, em geral, sobre informações internacionais o que vamos procurar melhorar.

4) Sobre o esclarecimento de problemas do Comunismo publicaremos todas as semanas um artigo de vulgarização dentro do espirito dos que já foram publicados. Os Comunistas e a propriedade, a Nação etc, seguir-se-ão outros sobre a familia, sobre a religião, e no futuro, não publicamos estes artigos para publicarmos o importante artigo de Jorge Dimitroff.

Esperamos, assim, satisfazer os desejos dos nossos camaradas.

Trabalhadores: O 'AVANTE!' É O VOSSO JORNAL. ESCRREVI PARA ELE, ENDEREÇAI-NOS AS VOSSAS CRITICAS E SUGESTÕES. COLABORAI NO SEU APERFEIÇOAMENTO!

Auxiliai o 'AVANTE!'!

CONSTA...

Que Salazar deu o seu aval para novos fornecimentos de armas e munições para os nacionalistas espanhóis.

Que essas responsabilidades se elevam a 300.000 contos, facto que o preocupa.

Que para facilidades a conceder aos maneios espanhóis, ordenou o levantamento de 6.000 contos que era o fundo de maneio do Consórcio da sardinha.

Que o Consórcio da sardinha tinha azeite em Malaga quando os nacionalistas ali entraram; que a venda desse azeite foi ruinosa.

Que por estas razões, os patrões do Consórcio da sardinha já disseram que não dão, este ano, gratificação aos seus empregados porque os negócios correram mal.

Que na Outra Banda os Italianos compraram propriedades e estabeleceram um posto de observação e de defesa onde têm canhões de grosso calibre que atingem navios que, por ventura, quisessem entrar a barra de Lisboa.

Que os Italianos estão instalados no campo de aviação da Granja do Marquês, em S. Maria, onde já há poucos oficiais portugueses.

Que os alemães fortificaram já determinadas linhas desortas do Arquipélago dos Açores onde construíram depósitos de gasolina, etc.

Que Palva Conceição na carta que dirigiu aos Comandantes militares da zona em Angola havia 6000 metralhas, cada metralha tinha atrás de si repostos armados a manejar armas e perfeitamente equipados; portanto que as mais pequenas levantamentos haveria de ser bombardeados em armas contra Portugal.

Que Afonso Lopes Vieira, pouco por ter ido visitar Palva Conceição, declarou, quando o interrogaram após a prisão, conhecer o teor da carta de Palva Conceição e estar inteiramente solidário com o que nela se continha.

O Trabalho, Trabalho do Trabalhador Popular

vem da pagina 1

crianças recebem alimentos quantos.

São estas as medidas que os trabalhadores devem exigir do Estado, porque é dele, que nos explora a todos, que deve sair a solução deste tão grave problema.

Mas é preciso não se perder a de vista que a libertação do povo português do fardo pesado do analfabetismo, que lhe tolhe os movimentos, é uma obra lentamente progressiva.

O fascismo quer resolver o problema do analfabetismo por meio da iniciativa privada. Pois bem, todos os que lutam pelos interesses do povo devem tomar iniciativas que possam contribuir para a extinção do analfabetismo e apelar as iniciativas que visem esse objectivo.

Não deixar nem um minuto de desmascarar os objectivos do fascismo, nem deixar de exigir as medidas que o Estado deve por em pratica, mas contribuir com todas as suas forças para libertar o povo da ignorância que vive, tal devem ser as tarefas de todos os verdadeiros amigos do povo português!

A União Soviética e a classe operária dos países capitalistas

(artigo publicado, pelo camarada Jorge Dimitróf, Secretário Geral da Gloriosa Internacional Comunista, no jornal «PRAVDA», por ocasião do 20.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro)

Com uma alegria e um entusiasmo sem limites, que milhões de trabalhadores de todo o mundo, todos aqueles que lutam contra a exploração capitalista, e bárbara fascista e as guerras imperialistas, festejam o 20.º aniversário da Grande Revolução de Outubro;

Em todos os países, os partidários hostes da democracia, do progresso e da paz, a elite da ciência da cultura e da arte, saudam os 20 anos de existência do primeiro Estado socialista do mundo, como um acontecimento dum valor histórico universal.

Na história da humanidade não há outro acontecimento que tenha exercido tão grande influência sobre o progresso social, sobre o destino de todos os povos do mundo, como o da vitória da revolução socialista de Outubro.

Não houve, nem podia ter havido, um Estado como a U.R.S.S., que milhões de homens de todos os pontos do globo sem distinção de nacionalidade ou de raça amam como uma pátria, sentindo que eles próprios, a seu modo, a sua sorte, as suas esperanças estão indissolúvelmente ligados a este país.

Em consequência das revoluções burguesas, o capitalismo triunfou no regime feudal e conquistou uma situação do minante. Ele fez dominar no mundo inteiro o seu sistema económico; ele venceu a particularismo feudal e criou grandes Estados nacionais.

Mas o capitalismo não fez mais do que substituir uma forma de exploração por outra, certos antagonismos de classes por outros. Ele não foi capaz de unir os povos pela paz, mas muito ao contrário tornou mais profundo o abismo que existia entre eles, criando novas contradições internacionais e novos motivos de guerras de conquista, de guerras destruidoras.

Em consequência da Grande Revolução socialista de Outubro, o socialismo triunfou do capitalismo numa sexta parte do globo.

No centro do mundo, sobre um imenso território que comporta metade da Europa e da Ásia, apareceu um potente Estado socialista baseado na supressão da exploração do homem pelo homem e na união fraternal dos povos: este Estado mostra o caminho a seguir para libertar a humanidade inteira da servidão capitalista, para unir todos os povos do mundo na grande fraternidade de dos trabalhadores livres e felizes.

Durante 20 anos, de aspera luta contra a resistência encarnada das classes exploradoras batidas no interior do país e a intervenção contra-revolucionária do exterior, em condições hostis, os trabalhadores da U.R.S.S. dirigidos pelo glorioso partido bolchevique, e a base do qual se encontravam os geniais chefes da humanidade: trabalhadores, Lênine e Stáline, fizeram dum país outrora atrasado e miserável um potente Estado socialista avançado.

Se em 1913, Lênine, caracterizando o estado incertavelmente atrasado da Rússia fez esta nota a respeito da sua economia: «era perechuda QUATRO VEZES pior que a da Inglaterra, CINCO VEZES pior que a da Alemanha e DEZ VEZES pior que a da América, em termos de produção modernos, a União Soviética, cuja hoje o primeiro lugar na Europa e o segundo lugar no mundo na produção industrial».

Ninguém, de futuro, pode negar as grandes realizações da edificação socialista, o desenvolvimento considerável da indústria e as colheitas — récorde da agricultura colectivizada.

É um facto que a economia da URSS, marca um arranque impetuoso nunca visto pela sociedade capitalista.

Se o desenvolvimento da indústria dos países capitalistas no período de 1890 a 1913 deu um acréscimo anual médio de produção de 5,8%, e no período de 1913 a 1930 apenas de 1,12%, somente, na União Soviética, só em 1930, o acréscimo da produção industrial foi de 28%.

Se em 1930 a produção industrial dos países capitalistas ultrapassou um terço o nível de 1913, na União Soviética ela aumentou sete vezes. Uma enorme vitória histórica foi alcançada no domínio da agricultura.

Ao mesmo tempo que a agricultura dos países capitalistas não só não criou uma crise prolongada que tem como resultado a redução das superfícies cultivadas, a destruição em massa de produtos, a baixa constante do nível de produção, na União Soviética, em lugar duma economia atrasada e pulverizada, criou-se a grande agricultura socialista que é a mais avançada, 99% das superfícies cultiváveis foram colectivizadas.

Graças ao regime colectivista a miséria foi suprimida, na aldeia já não existem camponeses sem terra, sem cavalo e sem material agrícola.

Mais de vinte milhões de camponeses pobres que dantes viviam na miséria, entraram para os colchozes onde gozam uma vida abundante e cultural.

A agricultura socialista da colheitas tão elevadas como a história do país jamais conheceu.

Em 1937, colheram-se quase sete bilhões de espigas (cerca de 1.700 milhões de quintais) de cereais, enquanto que antes da revolução, não se colhia nos melhores anos mais do que quatro bilhões de espigas (700 a 800 milhões de quintais).

Em regime capitalista, em toda a parte que se vê, aumentar a riqueza de alguns, vê-se do lado oposto a miséria e a ruína de milhões de trabalhadores. Os períodos de grandeza são inevitavelmente seguidos de crises cruéis que destroem as forças produtivas e — luzem ao desemprego, à miséria, à fome. O sistema so-

cialista ignora as crises, ignora o desemprego e a miséria.

Factos inegáveis atestam nitidamente a superioridade do sistema socialista sobre o sistema capitalista, não somente no domínio económico, mas igualmente no das condições da existência e da cultura, da ciência e da arte, no das relações entre os povos. Só os apologistas do sêdo do capitalismo podem contestar tal superioridade.

E os refinados consumados, que por vezes se dizem socialistas, da mesma forma que os charlatães políticos que falseiam o marxismo, ousam ainda demonstrar que a classe operária não está à altura de tomar a responsabilidade histórica da direcção da economia nacional, que o proletariado «inexperiente» nas coisas do Estado e da economia não pode dispensar a burguesia experimental da tarefa.

Os vinte anos de existência da União Soviética confirmam dum modo flagrante as palavras do camarada Stáline, pronunciadas em 1927, por ocasião do décimo aniversário da Revolução de Outubro:

«Os êxitos incontestáveis do socialismo na URSS sobre a frente da edificação, demonstram nitidamente que o proletariado PODE governar com êxito o país SEM a burguesia e CONTRA a burguesia; que PODE edificar com êxito a indústria SEM a burguesia e CONTRA a burguesia; que PODE construir com êxito toda a economia nacional SEM a burguesia e CONTRA a burguesia; que PODE edificar com êxito o socialismo apesar de estar rodeado pelos países capitalistas» (J. Stáline: «As questões do Leninismo»).

Aqui reside uma das mais importantes lições de princípios da Grande Revolução Socialista de Outubro, para a classe operária dos países capitalistas, lição que importa sublinhar muito particularmente neste vigésimo aniversário.

O proletariado dos países capitalistas fez muito para sustentar a Revolução proletária, a primeira na história da humanidade. Sem este apoio os operários e os camponeses soviéticos teriam derramado mais sangue e teriam suportado ainda mais sacrifícios para salvaguardar as conquistas da Revolução socialista. E precisa, contudo, dizer, sem rodeios, que a classe operária dos países capitalistas não conseguiu cumprir o seu dever até ao fim, nem em relação à primeira revolução socialista, nem no que se refere à sua própria libertação.

Não somente ficou sob o poder do capitalismo e caiu na Itália e na Alemanha sob a servidão bárbara do fascismo, mas contribuiu, sem o querer, para aumentar as dificuldades, as privações e os sofrimentos do destacamento de vanguarda do proletariado Internacional. O que seria actualmente o mundo se, depois da revolução socialista de Outubro, no período de 1918 a 1920, o proletariado da Alemanha, da Áustria, Hungria, e da Itália não tivesse parado a marcha em frente da sua ascensão revolucionária, o que seria actualmente o mundo se as revoluções alemã e austríaca, de 1918, tivessem chegado até ao fim, e se, depois da vitória da revolução, a ditadura do proletariado tivesse sido instaurada no centro da Europa, nos países industriais, altamente desenvolvidos?

O bloco revolucionário do proletariado da Europa ocidental e a classe operária da União Soviética, não teria somente tornado cem vezes mais fácil a liquidação da intervenção contra-revolucionária e da guerra civil: ele teria apressado incomparavelmente a edificação do socialismo no país dos soviéticos.

Não haveria ditadura fascista, nem na Itália, nem na Alemanha, nem na Áustria, nem noutros países. O fascismo não levaria a efeito a ofensiva contra a classe operária e contra os povos democráticos.

Os povos espanhol e chinês não teriam que sofrer as terríveis provações que lhe são impostas hoje. A humanidade não estaria na hora presente perante a sinistra ameaça de uma nova carnificina mundial.

Quando os operários e camponeses da Rússia derribaram o poder dos proprietários e dos capitalistas, todas as condições objectivas necessárias estavam reunidas na Europa central para que o proletariado europeu e, em primeiro lugar, o proletariado da Alemanha, seguisse a via traçada pelos operários e camponeses soviéticos.

Mas não foi assim, e principalmente, porque na direcção das organizações de massa do proletariado, a última palavra pertencia aos chefes dos partidos social-democratas que, desde o começo da guerra, tinham feito bloco com a burguesia imperialista.

Deseros de salvaguardar — custasse o que custasse — os interesses estreitados da burguesia, utilizaram largamente a influência exercida pela ideologia e pela política do SOCIAL-DEMOCRATISMO, DO REFORMISMO, para enganarem a maioria da classe operária, convencendo-a que não era o desenvolvimento ulterior da revolução, mas a sua pronta liquidação, que conduzia os operários ao socialismo. Pela sua COLIGAÇÃO COM A BURGUESIA, eles impediram o movimento operário, eles enfraqueceram o proletariado, isolaram os do campesinato e da pequena burguesia das cidades e foi assim que eles ajudaram a burguesia a reprimir as suas forças e a passar a ofensiva contra os operários e camponeses revolucionários.

Continua no próximo N.º

SEMANA INTERNACIONAL (ANGOLA EM JOGO)

O POVO ESPANHOL TRIUNFARA!

KIROF

A Conferência dos ministros franceses e ingleses, efectuada em Londres, nos dias 29 e 30 de Novembro, provocou uma enorme ansiedade em todos os que, pelo mundo fora, acompanham inquietamente, os ziguezagues da política internacional.

Afirmou-se que esta Conferência era a mais importante de quantas se efectuaram depois da guerra.

Na realidade, nunca como agora — depois de 1918 — o mundo esteve tão à beira do abismo por causa das agressões e das ameaças do fascismo.

Que conclusões se podem tirar da reunião de Londres?

A imprensa francesa, particularmente, foca com bastante desenvolvimento e satisfação, o que se pode chamar os lados positivos desta Conferência.

Fiz-se, em primeiro lugar, a firmeza de relações existentes entre Paris e Londres, o que quer dizer que a Alemanha e a Itália ainda desta vez não conseguiram o seu objectivo de isolamento a França.

Em segundo lugar, o facto da França e da Inglaterra não parecerem dispostas a ceder no domínio das concessões sem que, pelo menos, a Alemanha abandone os métodos de força seguidos até aqui.

Finalmente, a situação continua no comunicado — de que a França e a Inglaterra estão prontas a desempenhar-se das obrigações internacionais, no que se refere à guerra do Extremo Oriente, o que são palavras muito mais energéticas do que as que foram proferidas, pelos mesmos países, na Conferência de Bruxelas.

Contudo, podemos escortinar-se outros lados, não menos importantes, e que estão longe de se poder considerar como positivos.

O comunicado não se refere, nem uma única vez — e não é por acaso, mas intenção — a segurança colectiva, o que é um sintoma do espírito de conciliação que existe, sobretudo da Inglaterra, em relação à Alemanha.

Há um ponto, porém, que, principalmente para países como Portugal e a Bélgica, é de uma gravidade enorme.

É o problema das colónias.

O comunicado diz que se procedeu ao exame da questão colonial, mas que a Inglaterra e a França não podem, por si só, considerar o problema porque ele interessa a outras potências.

Que significa isto?

Muito naturalmente, que foi analisada a reivindicação alemã de obter não só as antigas colónias da Alemanha, actualmente sob mandato, mas igualmente as colónias portuguesas e da Bélgica.

Isto quer dizer muito simplesmente, que Hitler pôs, abertamente, ao Lord Presidente do Conselho de Inglaterra, a sua vontade de adquirir no todo, ou em parte, as colónias portuguesas.

Daf o facto dos ministros franceses e ingleses não poderem resolver este problema sem ouvir primeiro «outras potências», isto é, Portugal e a Bélgica.

A imprensa reacçãoária, ao serviço de Franco e dos seus senhores da Alemanha e da Itália, tem feito correr, ultimamente, o boato que, da Espanha republicana, se pretende entrar em negociações com os traidores fascistas.

Procura-se, desta maneira, justificar a quasi paralisia das operações militares — que contrasta com os anunciados projectos de grandiosas ofensivas que deviam começar — dizia-se — no começo do Outono.

Tais ofensivas não passaram, até aqui, de várias arremetidas que as tropas republicanas têm repellido, infligindo fortes perdas às hostes fascistas e de bombardeamentos bárbaros da população pacífica de Madrid, bombardeamentos que só servem para mutilar mulheres e crianças, pois não visam objectivos militares.

Como os fascistas não têm podido praticar mais do que estas façanhas, entretém-se a espalhar para abalar o estado de espírito dos que em todo o mundo apoiam o heróico povo espanhol.

O dr. Negrín, num discurso que há pouco pronunciou, desmentiu todos esses boatos, afirmando que: «A GUERRA CONTINUA E CONTINUARÁ ATÉ QUE A INDEPENDÊNCIA DA ESPANHA SEJA FIRMEMENTE CONSOLIDADA».

A este respeito, o Comité de enlace dos partidos Comunista e Socialista, publicou, em Barcelona, um manifesto de que transcrevemos as seguintes passagens:

«O inimigo sabe perfeitamente que as nossas possibilidades de vitória aumentam de dia para dia.

É essa a razão e, também, porque o descontentamento e o mal-estar crescem nas suas fileiras — apesar de terror imposto ao povo, que deve suportar a invasão italo-alemã — porque o inimigo lança esta campanha.

Para os partidos comunista e socialista, assim como para todo o povo, o único compromisso possível é esmagar o general Franco; a guerra não pode terminar por um abraço; ela terminará somente no dia em que o fascismo tiver sido batido e em que não reste sobre o solo espanhol, um único soldado estrangeiro.»

O manifesto proclama, ainda, que o governo actual é a expressão da vontade inflexível do povo espanhol obter a vitória e que, portanto, é necessário: «DEFENDE-LO ABERTAMENTE NA ACCÃO QUE ELE MOVE PARA GANHAR A GUERRA E ABATER O FASCISMO».

Por seu turno o general Miajas, fez as seguintes declarações: «Estou completamente de acordo com a resposta que o chefe do governo deu a este respeito.

Quanto a mim, posso dizer que estou firmemente resolvido a lutar até à vitória definitiva. Eu não poderei nunca resolver-me a tratar com os que permitiram a invasão da Espanha pelas tropas estrangeiras, sobre uma outra base que não seja a do triunfo da nossa causa e enquanto o nosso solo não estiver livre do invasor. Enquanto eu respirar, o inimigo não terá tréguas.

A independência do solo nacional é extremamente sagrada para quem a possam assim violar. Tenho a certeza que esta opinião dos milhares de espanhóis que combatem contra os traidores à sua pátria, é a opinião de toda a Espanha republicana. E, igualmente, a opinião da grande maioria dos espanhóis que se encontram actualmente sob a dominação de um exército estrangeiro.

Um só «leitmotiv» deve ser o nosso: A Espanha para os espanhóis!

Expulsemos o invasor do nosso país!»

A imprensa inglesa acaba de confirmar inteiramente que, na realidade, o problema colocado por Hitler, foi o problema das colónias portuguesas.

Vários jornais, tais como o «Daily Mail», «Daily Telegraph», «News Chronicle», etc., dizem que a Alemanha reclama não só as suas antigas colónias mas, também, o Congo Belga e Angola.

Por outro lado, a Alemanha reclama a constituição duma Companhia para explorar Angola e o Congo Belga de que a Alemanha seria a principal acionista.

Isto é a confirmação flagrante de que o Partido Comunista tinha e tem razão ao afirmar que a Alemanha quer as colónias portuguesas e que reduzir o próprio Metrópole a uma colónia.

Salazar, com a sua política servil e traiçoeira, tem encorajado os apetites da Alemanha, porque pôs o nosso país inteiramente às ordens de Hitler que faz o que quer no nosso país e nas colónias.

Paiva Couceiro, demonstrou ser patriota ao gritar bem alto a Salazar que se entregava as de-

A UNIDADE em marcha

Acaba de produzir-se no movimento operário internacional um acontecimento de enorme importância.

Os sindicatos da URSS, com os seus 28 milhões de aderentes, vão integrar-se na Federação Sindical Internacional (socialista) de que fazem parte quasi todas as grandes organizações sindicais do mundo inteiro.

Esta resolução foi tomada numa reunião que se efectuou em Moscovo entre os representantes da antiga ISV e da FSI.

Este é um passo importantíssimo dado pelo movimento operário no caminho da sua completa unificação.

O exemplo tem que ser seguido em Portugal por comunistas e anarquistas.

Ionias à Alemanha.

Que fazem os outros patriotas?

É tempo de pôr ponto final à política de traição de Salazar e

Faz agora 3 anos que Kirof, o grande chefe bolchevique dirigente foi cobardemente assassinado, em Leningrado, pelos traidores trotskistas renomevistos a soldo do fascismo chinês.

Militante activíssimo do Partido, sob o regime tsarista, chefe militar durante a guerra civil e dirigente de Leningrado, que sob a sua direcção operou progressos formidáveis. Kirof era um dos vultos mais eminentes do grande Partido Comunista da URSS, a cujo bureau político pertencia.

Os traidores, assassinando um dos mais valiosos e amados chefes do proletariado soviético, pretendiam, assim, ferir de morte a Revolução.

Enganaram-se. O povo soviético respondeu com um fúder entusiasmo na construção do socialismo e ao mesmo tempo castigando implacavelmente os vendidos ao capitalismo.

Kirof vive no coração de todos os trabalhadores que admiram a sua vida de sacrifício pela causa da libertação da Humanidade.

Tão pouco se extingue do peito dos trabalhadores o soldo implacável contra os traidores trotskistas que pretendem restaurar o capitalismo assassinando os melhores filhos da classe operária e pretendendo sabotar as grandiosas realizações do Socialismo Triunfante.

A luta do povo chines

Continua com uma ordem e um entusiasmo extraordinários, a luta do povo chinês contra a invasão de território nacional pelo imperialismo japonês.

O imperialismo japonês esse sinistro aliado da Alemanha, esperava encontrar um povo dividido, incapaz de assegurar a defesa do seu território. Enganaram-se; o povo chinês está unido e tem dado mostra duma capacidade de luta e duma heróica grandiosidade.

Os japoneses conseguiram conquistar algumas porções do território chinês, mas isso não tem significado para a solução da guerra.

A China está preparada para uma longa guerra, disposta a sacrificar cada um dos seus filhos pela que a causa da sua independência triunfe de todo o mundo.

O povo português deve apelar ao povo da grande Nação chinesa no mesmo ódio e viva hostilidade ao monstruoso imperialismo japonês e seus aliados alemães e italianos, movendo, sempre que para tal se depararem circunstâncias, acções que possam prejudicar materialmente esse inimigo da tranquilidade e da independência do povo chinês e da humanidade!

Amigos do Partido

Amora	6500
CUF	8000
Galan (3 meses)	6000
Dois Ex. do «Avante»	2000
José Anselmo	2000
TOTAL	44700

Um amigo vindo de Dabar, 150 francos.